

mas já era tarde» diz o eminente coronel Senhor Vitorino Godinho — «Portugal na Grande Guerra» Vol. 2.º 4.ª parte pág. 20. E acrescenta: o inimigo tinha conseguido o meio... a surpresa! «la obter o fim... a vitória.»

Parecia ressuscitar, a infantaria portuguesa, na cinzenta e brumosa manhã de 9 de Abril de 1918.

Assim o deviam ter julgado os exércitos *invençíveis* de Guilherme II, surpreendidos com o desforço que não previam e até julgariam impraticável.

Pobres soldados!

Vejo-os, cheios de mocidade, tão vigorosa e saudável como a minha ardente juventude, então. Não os esqueço. Eram irmãos!!...

Nesta hora crepuscular, muito recolhida, da minha existência, já sem ilusões e sem o cândido romantismo da minha lembrada *Escola de Coimbra*, sinto a ânsia de me abeirar daqueles lugares, agora santos, para mim, onde os vi, amargurados e tristes, a chupar o cigarro magro entalado nas pontas dos seus dedos morenos e secos, encostados à parede de sacos do abrigo, cismáticos e pensativos, de semblante ensombrado de profunda e amarga melancolia.

Semelhante ao erro funesto da batalha do *Lys* foi o colapso do *Aisne*, que permitiu à valente infantaria alemã alcançar *Chateau-Tierry*, rechazar as brigadas inglesas e francesas, infligir aos aliados, franceses e britânicos, o espectacular desastre do *Chemin Des Dames*,⁽¹⁾ que alovoroçou o patriotismo da França e ergueu *Pretórios Militares* de liquidação de muitas culpas. Desta vez, porém, culpas do *Alto Comando Francês!*

O 9 de Abril não foi um golpe de surpresa, mas um súbito eclipse no entendimento do *Alto Comando Britânico* coincidentemente ajudado pela incúria da

1) — Vide «Portugal na Grande Guerra» Vol. 2.º 4.ª parte pág. 24

política nacional, que deixou o *Corpo Expedicionário* abandonado àquela imperdoável desgraça. Impunemente... abandonado.

O erro de visão britânico da Flandres, semelhante à culpa francesa do *Somme*, não permitiu uma violenta e antecipada contra preparação aliada na nossa frente. É de notar que os nossos amigos, sempre de boa fé, são vítimas dos dois erros: o *seu* e o *alheio!*

Chegados a *Aubers*, já presos, saturada de tropa e de material de guerra que haviam de escoar-se para a ofensiva na frente de *Laventie*, do sector português, multidões de soldados alemães, em correria precipitada, entravam nas casas que se lhes abriam à pressa, a defender-se das granadas aliadas que batiam em cheio nas ruas. Tal como na primeira linha alemã, há pouco, eu seguia, agora, o inimigo, a fugir, de novo, ao fogo amigo... em *Aubers*.

Estranha guerra!

Mas sabia-me bem ver que a artilharia de Portugal batia o solo usurpado da *França*, a desarticlar o dispositivo inimigo e a ofensiva que os alemães supunham triunfal e vitoriosa. Abençoava aquelas granadas mensageiras da liberdade, que os irmãos artilheiros para ali mandavam no final da sua demorada agonia.

A artilharia portuguesa vivia ainda por Deus!

Na desordem que o bombardeamento impunha ao inimigo, viam-se muare desatreladas das suas viaturas, galopando, sem governo, pelas ruas lamacentas e escorregadias de *Aubers*, batendo estrepitosamente as pedras das calçadas, que peliscavam lume, parecendo que iam estafelar-se, desamparadamente, umas após outras, em plena rua.

Fugiam, espavoridas, a soprar de ventas abertas e fumegantes.

Tal como, deste lado, acontecera nos parques e

na estrada de marcha para as linhas, sob o bombardeamento da madrugada.

Junto de um edificio já retirado daquele povo, um graduado alemão identificou-me. E disse: — *Não acha que a guerra é um grande horror para todos nós? Sem dúvida, respondi-lhe....*

Adivinhava-se, neste combatente, a saturação da guerra.

O alferes artilheiro *Picão da Silva Telo*, que veio a revelar-se uma apurada vocação literária numa invejável roda intelectual portuguesa — também ali chegava, sob custódia alemã. Vinha repassadamente consternado, o companheiro dos azares da guerra. Fôra tomado de surpresa no observatório isolado da sua bateria — contou.

Ao fim da tarde, daquele dia 9 de Abril, afluiam a *Aubers* outros oficiais daquela frente — *portugueses e britânicos* — alguns bastante feridos.

Um capitão alemão, de monóculo entalado na órbita zombeteira, bem trajado e farto, de capa cinzento-claro pendente dos ombros opulentos, muito empertigado, acercou-se dos oficiais prisioneiros. Revelou-se amigo do senhor *Conde de Penha Garcia*, e debicou com inaudita insolência na política de *Afonso Costa*, que responsabilizava pela intervenção de Portugal na guerra.

A sua incursão na política de *Portugal*, pareceu-me audaciosa e desconforme, referida, ali, entre portugueses...

Mas, lá para Agosto — decretou do cimo da sua arrogância: *acabaremos esta guerra, e, depois, passearemos, juntos, na Rua do Ouro, em Lisboa!*

Acabaremos esta guerra! sentenciou, enfaticamente.

Informou ainda do nosso imediato destino: *partida, em combóio, no dia seguinte, para Lille, depois de uma refeição quente!!!*

Fomos para *Lille*, formosa capital do Norte da

França, no dia seguinte, a pé, e em jejum, calcorreando vinte e cinco quilómetros, até lá.

Era o dia 10 de Abril — aquele dia — inesquecível. Sem dúvida, que havíamos sido iludidos por aquele homem enfatuado da retaguarda alemã... Era de esperar...

Ele devia ser, como dizem os franceses, *un embusqué*. E de péssima manufactura, aquele veraneante de guerra, sem caridade e sem consciência, *desumanamente alemão, escusadamente... alemão.*

Os oficiais prisioneiros amaldiçoavam o cinico de *Aubers* durante a marcha penosa para *Lille* — esfoameados e sem forças.

Nenhuma elegância irradiava do caco insolente do impostor de *Aubers*.

Quatro brutamontes uhlanos, de cachaço grosso e vermelho, escoltavam, a cavalo, a coluna de prisioneiros na sua marcha procissional de asilados para *Lille*. À entrada da cidade, abeirou-se de um soldado da escolta pretoriana, apoiando as mãos nas espáduas do seu cavalo, uma vivandeira rotunda e preversa. O soldado debruçou-se na garupa da montada para ouvir uma confidência muito íntima, que aquele *esterco da França* lhe ia fazer, a afrontar a presença dos combatentes vencidos, por certo a trair o seu país, onde medrava aquela planta de monturo.

Os oficiais prisioneiros rangiam os dentes a correr com olhos de cólera a *ruiva* serventuária do inimigo — aquele *pus* que escorria das chagas abertas no corpo dorido da pobre *França*.

Enamorada do cavaleiro pretoriano, abanou as ancas altas e largas, cobertas com uma chita curta e repulsiva, e afastou-se a peneirar a corpulência hedionda, correndo e olhando para trás.

As portas da cidade, as raparigas de *Lille* deambulavam pela estrada. Não falavam; ciciavam, de

olhos desconfiados, bem apontados à escolta — que temiam.

Esbeltas, de rosto delicado e transparente, que assim se fizera transparente pela afrontosa presença do ocupante odioso, traziam consigo, bem marcada na alma da sua nobre raça, a ideia fixa da vitória aliada, a desopressão da sua linda cidade e a reconquista da liberdade.

Iludindo a vigilância dos *uhlanos* enforquilhados nos seus cavalos, ainda segredaram, furtivamente, à leva de condenados que se escoavam junto delas, na estrada, a denunciar-lhes um negro destino: *malhereux!*

Terrível prevenção!

Quando uma delas lançou para a estrada qualquer coisa para o esfomeado a quem tocasse em sorte, que era tudo quanto possuía de *seu*, um dos *brutos* da escolta galopou afrontadamente sobre ela, a praguejar insultos e maldições, naquela linguagem gutural — que parece rasgar as gargantas, a estoirar de raiva.

Parecia tomado de súbita apoplexia. Dementava-se.

A rapariga fugiu, precipitadamente da estrada, a defender a cabeça com os seus braços muito claros e débeis. No ar, reboavam os ecos da praga daquele *destemido* soldado da *Grande Alemanha*...

Sem dúvida que elas odiavam, bem do coração, o tradicional inimigo e indesejável vizinho-inimigo de toda a gente e de todos os seus vizinhos. Recordávamos o emboscado de *Aubers*, por certo um comodista *bem* precatado, que falava a nossa língua; que decretava, por seu alvedrio, o fim da guerra para o mês de Agosto!... com as ridículas lucilações que se soltavam do seu monóculo taful, que dá, a tantos que o usam, como a ele, o tipo sarcástico e irreverente do pedante vulgar-que ele era, também.

Era, na verdade, um súbdito característico e

acabado da famosa *Deustchland uber alles* — que a oposição política de *Berlim* já invertia e substituía, com graciosa verve, por esta outra legenda: *alles, alles uber Deustchland; tudo, tudo sobre a Alemanha*⁽¹⁾ — em vez de, como no texto original; *Alemanha sobre tudo*...

Insensivelmente, iam associando os dois símbolos abomináveis: o snob de *Aubers* e os fósseis daquela escolta de *uhlanos*.

Assim entramos em Lille: *esfomeados* e deprimidos.

E aquela guerra, acentue-se, era conduzida por um imperador, que ainda assimilara nas côrtes da *Europa* certa galantaria palaciana, embora esquivo às amoráveis subtilezas do espírito e da fraternidade humana, que a um alemão, mesmo imperador, sempre hão-de parecer coisas *somenos*, sem conteúdo.

Mas o delirante imperador não teria, já, na altura da ofensiva desesperada da *Flandres*, esperanças muito firmes numa vitória que agora tentava no acaso da sorte, sem a ilimitada confiança no seu afamado exército, e sem confiança, também, nas estrelas embaciadas dos seus generais vencidos na espantosa tormenta do *Somme*.

Tudo, pois, se prestava a limar os picos agressivos da índole germânica em declínio lento e progressivo.

Mesmo assim, que promessa e que esperança, aquela bárbara repressão da galante rapariga de *Lille* — que o bruto responsabilizara — somente por um acto de piedade cristã!

Que seria, implantado no seu cavalo, um fóssil daquela marca, se o brilho da estrela alemã recuperasse as cintilações perdidas com novas promessas de uma vitória final?

Deus salve o mundo da praga alemã e da mentalidade germânica!

1) - Carlos Olavo-Jornal de um Prisioneiro de Guerra na Alemanha. (1918) 2.ª Edição.

NO EXÍLIO DA ALEMANHA

Lille é uma urbe imensa e bela, rica de moderna arquitectura, uma cidade maravilhosa.

Formações compactas do exército inimigo, estacionadas lá, aprontavam-se para a largada, rumo à frente de batalha, bem armadas e equipadas. Era a movimentada progressão da ofensiva alemã em curso, gloriosamente iniciada, que não podia parar, e que já demandara, logo às primeiras horas da manhã, o objectivo previsto na «*Ordem de Operações*», como se anunciou — na *Alemanha* — com alarido público e prosápia guerreira.

E, com incontestável verdade... também.

A fome da coluna de prisioneiros entrados em *Lille*, era angustiada, agravada pela fadiga da marcha, a pé, desde *Aubers*, até ali: — 25 quilómetros — em jejum, desde a tarde do dia 8, durante cerca de dois dias.⁽¹⁾

Um soldado alemão, nada jovem e nada fresco, de mochila às costas, achatado e deformado pelo capacete de ferro que lhe acrescentava a sua fealdade guerreira, porque lhe reduzia a estatura, já de si

1) — Na tarde de 8 de Abril os oficiais e soldados prisioneiros ainda jantaram nas linhas de fogo. Feitos prisioneiros pelas 9 horas da manhã do dia 9, e concentrados em *Aubers*, nenhuma refeição lhes foi distribuída lá, seguindo neste estado de fraquesa para *Lille*, a percorrer, a pé, 25 quilómetros, no outro dia. Em *Lille*, já à noite, foi distribuída uma certa vianda a que os alemães chamavam pomposamente sopa.

mediocre, cavaqueava com os seus corpulentos camaradas.

Parecia o *entretém* da sua formação militar... medi-o, de alto a baixo.

O soldado compreendeu a minha ironia discreta, acudindo, logo, num português limpo e suave: *o senhor julgava que na Alemanha só havia homens grandes?*

A revelação encorajou-me para lhe pedir que tentasse arranjar um *pão*, que eu pagaria bem. A fome já lavrava fundo, então...

Era um problema, que se levantava, porque era o *pão nosso de cada dia* que os alemães estavam a disputar com a sua armadura militar em movimento, na inadiável ofensiva *da fome*, esse *pão*, mesmo intragável, que o *Império* servia ao seu povo orgulhoso e ao seu soberbo e arrogante exército — por *conta, peso e medida*. Um problema, pois!

A minha impetração angustiosa havia de parecer um insulto feito àquele soldado, que ficou medido num apuro que a sua bondade conjurou — Deus sabe com que risco disciplinar...

Que um cabo do seu exército o não adivinhasse... por Deus!

Depois de permutar com os companheiros palavras muito breves, aquele abençoado rapaz *sem patente, praça rasa, anónimo*, deferiu a pretensão, sacando, com ligeireza, da sua mochila, o seu próprio *pão*, que estendeu, para mim, com alegria: *que lho aceitasse, que ele se arranjaría com os seus camaradas, pelo dia adiante*, e acrescentou: «*os senhores vão passar muito mal na Alemanha.*»

Era um terrível aviso — este outro aviso.

Venceu a minha relutância em lhe aceitar o seu *pão*, que era um *pão sagrado*, e recusou, com galhardia, o preço dele, que eu deixara francamente ao seu arbítrio. E pensei, então, que aquele homem sem altura e *somenos*, com a fealdade guerreira que o mascarava, escondendo um largo e imaculado

coração debaixo da sua agressiva armadura militar, se deixara modelar em Portugal, na cidade da Covilhã, de onde partira para a guerra, metendo dentro de si uma alma nova, temperada e doce, da condida gente lusitana, que assim o tornou capaz daquela acção meritória, *desconhecida dos da sua raça* soberba, cruel e desumana.

Na marcha dentro de *Lille*, numa avenida grandiosa, o *batimento* cadenciado da coluna dos oficiais prisioneiros atraiu muitos alemães às sacadas dos edifícios, que eles ocupavam.

Eram cachos deles, saudáveis como *salpicões*, de cabelo curto, muito enfunados da sua glória recente tirada do desaire das nossas armas.

Eram oficiais.

Alguns tinham as pestanas e as sobrancelhas tão desmaiadas como o linho.

Estoiravam de conforto e de euforia no seu poiso alto.

Olhavam-nos com sobrançeria especificamente prussiana, de máscara arreganhada e altiva. Atiravam de lá miradas desdenhosas, como quem deita uma coisa à rua, cá para baixo, à *ralé* dos vencidos.

Os prisioneiros — *portugueses e ingleses* — num impulso irresistível, irromperam a entoar a *Marselhesa*, a santa represália que atiravam ao ar, cantando-a com alma, a desafiar o inimigo nas suas posições dominantes.

Não gostaram da delicada desafronta, daquela rebeldia patriótica...

Foi um regalo! Todos queriam bem à França... Os *invençíveis*, lá em cima, carregaram a viseira teutónica, a vomitar o hino que odiavam tanto como ao belo País que o imaginára, a vitoriar e a aclamar a *Liberdade*.

Haviam de rugir, lá por dentro, ferventes de cólera, os opressores da cidade bela.

Continuando a marcha penosa, os esfomeados

prisioneiros deixavam atrás de si o inimigo triunfante dos primeiros arrancos da ofensiva em grande escala, que rolava, com fragor, pela França abaixo, impetuosa e irresistível. Assim parecia... irresistível.

Nos olhos pisados da população escravizada de Lille, adivinhava-se um lento martírio e um ódio bendito. Era a saturação das almas, que já não podiam com a escravidão e com a prepotência da raça maldita, impostas durante anos de ocupação e de usurpação dentro da sua própria casa.

Botas grossas da soldadesca do Kaiser, sapateavam orgulhosamente as ruas e avenidas de Lille, como quem já tem o mundo livre apertado pela garganta com mãos de ferro, bem enclavinadas.

Eram os autómatos do imperador, que se pavoneavam, a afrontar gente civilizada e vencida.

A tropa inimiga inundava a cidade ocupada...

Alemães, muitos alemães, nas ruas e residências, nas praças, em toda a parte! Uma inundação de pacotes de ferro...

Fomos arrumados num casarão desconfortável e úmido, isolados do mundo, como gado encurralado para o embarque.

Dormíamos, lá, como animais empurrados para uma córte...

Em certo dia, abandonámos aquelas instalações onde nos era servida uma sopa com carne *intriturável*⁽¹⁾ como borracha, a boiar dentro dela, de origem muito duvidosa.

Fomos dali levados para Rasttát,⁽²⁾ Ducado de Baden, junto da Floresta Negra. Era o primeiro acto do drama que se iniciava — com a Alemanha à vista.

1) — Era impossível mastiga-la (Vide Coronel Senhor Alexandre Malheiro — da Flandres ao Hanover e Mechlenburg. 2.ª Edição pág. 183
2) — Primeiro campo de prisioneiros — Kriegs officier gefangenenlager.

Que drama!

Que viagem!

Que surpresas estariam reservadas aos combatentes do C. E. P., sob a tirania alemã?

A perfidia do inimigo requintava-se com o decorrer do tempo, mais ou menos doseada pelo noticiário da guerra, que exasperava a sua soberba e a sua tirania se anunciava triunfos dos seus *Corpos de Exército*, ou abrandava se a sorte das suas armas oscilava ou declinava, sob o impulso e os encontros do egrégio Foch.

Abrandonou de todo, quando a glória lhe foi arrebatada da mãos pelo ímpeto contínuo das forças da *Liberdade*, que levaram de escantilhão, para lá da fronteira, o odiado opressor, a limpar a usurpada e bendita terra da França.

Entretanto, os transe dos prisioneiros, caídos nas mãos dessa raça estranha e única, são indiscrimináveis. Tantos como as humilhações impostas pela sua prepotência sádica e feroz.

Aquela deambulação para Baden, parecia uma caminhada de condenados para o inferno, a culminar no desespero dos cativos, que não sabiam porque não marchava o comboio onde iam empilhados; porque não seguia, parado cerca de um dia, em certa estação do percurso enfadonho e interminável.⁽³⁾

De vez em quando, dá um arranco e logo pára; repete os encontros e os solavancos, e chega a dar a enganadora esperança de que embalou para retomar o seu andamento normal e definitivo. E' só uma ilusão... O comboio volta a parar, e, agora, por desesperadas e infindáveis horas.

O nervosismo exacerba-se e a debilidade física aumenta a excitação dos prisioneiros conduzidos, ali, como mercadoria de refugio. Estranha gente,

1) — Levou quatro dias a viagem para Rasttát. Podia fazer-se num só dia...

estranha mentalidade! Maldade fria, incomparável... maldade.

Começamos a amaldiçoar raivosamente a Alemanha e a amar cada vez mais a pacífica e doce França, pátria da liberdade-Terra de Hugo.

No fundo das carruagens os oficiais esfomeados cismavam. Queriam adivinhar a razão *daquelas mudanças do comboio*, na estação erma e longínqua, que não tinham explicação. Os alemães também a não davam.

A tanto não descia, por certo, a casta eleita de Além-Reno... a divina casta ariana.

Parecia, tudo, a execução de um plano de mortificação bem meditado.

Nalgumas estações — também o refere o distinto publicista Coronel Senhor Alexandre Malheiro, em «*Da Flandres ao Hanover e Mechlenburg*» — a descrever o seu martírio e o nosso, na viagem de Lille para Rasttat: «*percorreram ainda essas carruagens muitos quilómetros em constante movimento de vaivem, ao longo de diversas linhas onde faziam sucessivas mudanças de agulha com um fim que nenhum de nós conseguiu explicar, e que apenas parecia tender a aborrecer-nos*»

Numa estação do percurso, foi servida aos oficiais prisioneiros uma sopa que comeram, mesmo sem colher — porque lha não forneceram os alemães, — lá!

Sem colher! Inacreditável!... sadismo germânico.

Sem dúvida que dentro daquele invólucro vistoso de civilização opulenta, e podemos dizer inexcusável, afirmada nas mais ambiciosas obtensões da inteligência e do pensamento, vicejava uma coisa, que era, somente, — a alma prussiana — sem mistura.

Paradoxal, muito paradoxal, esta simbiose desconcertante!

Raparigas da Lorena, delicadas como um cristal

subtil, que encantavam com a sua candura, pareciam amarguradas e súplices, a olhar-nos sob a apertada vigilância do *capataz* prussiano, que as fisgava com rancor, a distância.

Empedravam uma linha férrea na dura tarefa dada ao braço forte do homem — com calção de ganga azul e o boné da predilecção atávica alemã, de inspiração militarista e prussiana.

Que crime! Que hediondez!

Assim se comporta a galantaria germânica e a sua apregoada cultura.

Não distingue, nas horas da sua embriaguês guerreira e da sua fatuidade militar — *nem idades nem sexos*: tudo, para ela, muito desprezível!...

Tudo, para a divina estirpe, para cá dos altos muros da douda Alemanha, *esterco* ou *gado*. Uma excrecência qualquer!...

E aquela guerra foi sonhada e perpetrada por um imperador, que ainda se meneou pelas vistosas cortes da Europa, onde se assimilavam e assimilam nobres conceitos de civilização e fraternidade humana.

O que pouco importa a qualquer alemão... impermeável a estes pruridos da cristianíssima mentalidade latina!...

O olhar fundo das melancólicas lorenas dava bem a medida do regime de servidão em que se debatia a sua liberdade, entre os déspotas que lha haviam anulado com a sua demorada e afrontosa presença.

Em Rasttat, a vida dos oficiais portugueses era de mortal e nostálgica monotonia: *uma vida vegetativa, até onde o permitia o caldo magro e abjecto da inventiva alemã, e o pão negro e úmido, que lá era servido aos desterrados e pobres cativos.*

Um pão, negro e úmido, para oito dias!!!

Tudo, uma vianda abjecta — um rancho aguado,

mais ou menos sujo e turvo. E pouco, *muito reduzido, minguado, miseravelmente insuficiente.*

E' indescritível o flagelo daquela fome, e incrível a resistência dos que a sofreram. Sente-se e sofre-se, a fome alemã...

Não se conta. *Ninguém a sabe contar.*⁽¹⁾

Era um pesadelo, uma ideia inseparável e já doentia, a fome devastadora das vítimas do despotismo daquela gente orgulhosamente *civilizada*, e de alta cultura, que pretende conduzir o mundo de *irmãos* com a pita do seu chicote e a ponta acerada das suas baionetas nuas.

Tão deprimente e obsidiante a ideia inseparável da fome, que o desalentado e eminente autor de «*Da Flandres ao Hanover e Mechlenburg*», atravessado por aquela ideia, fixa no sumário da sua obra notável, o tema da fome, em quatro dos seus capítulos, da segunda Edição, onde se lê, sempre, entre outros temas secundários:

Fome e fome, cap. VIII e XI

Mais Fome, cap. XIII

Fome, fome e fome, cap. XV

Muita fome, cap. XVI

E' já um estribilho vicioso, doentio.

Toda a obra do insigne escritor e lembrado companheiro de *Breesen*, tem viva e bem funda a negra pincelada da fome. Andavamos atormentados com ela. *Alexandre Malheiro* sofria-a. Todos a sofriam como ele, *horas seguidas e insuportáveis*, dias seguidos, meses seguidos! Meses que foram uma eternidade de dura expiação.

1) — Vide — «*Jornal de um Prisioneiro de Guerra na Alemanha*» e «*Da Flandres ao Hanover e Mechlenburg*», já citados — depoimentos eloquentes e honrados para a História da tirania alemã, elucidário vivo do martírio dos prisioneiros portugueses caídos sob o domínio alemão na batalha de 9 de Abril — (Guerra de 1914/1918).

Sofreram-na altas patentes militares; sofreram-na heróis⁽¹⁾ de Portugal, velhos e novos, todos, a mesma fome insuportável.

E sofreram-na portugueses eruditos, elite do mundo intelectual. Todos, indistintamente.

Num quadro preto suspenso de uma parede, o sadismo germânico inscrevia a pomposa *ementa* dos oficiais prisioneiros...

Que impudor, e que inventiva! Que sacrilégio, e que orgia de maldade!!!

Tal descoberta, é de manufactura tipicamente alemã... A *ementa* dos párias, pouco menos que descamisados e andrajosos.

Que imperdoável injúria, a publicação da *ementa* dos pobres, a *ementa* de um caldo repugnante... exibida perante os olhos dos esfomeados! — e proscritos.

À noite, os oficiais prisioneiros franceses, sentados nas suas camas, devastavam parasitas, *espécie abundante no campo dos prisioneiros!* De tronco nu, a camisa estendida à sua frente, os camaradas franceses iniciavam a *batida* nocturna e *guilhotinavam* a caça da mansarda imunda, que acodia aos corpos abandonados à higiene do cativo de *Rasttät*.

Allons lire le Journal — anunciavam, com a sua bonomia gaulesa, muito saudável — aqueles companheiros de degredo, quando assim *caçavam*...

Fomos lá vacinados contra o *tifo*, *cólera* e *variola*. A fraquesa dos oficiais patenteou alguns deliquios, entre eles, ao *aproximar-se* a vez da sua vacinação! A revelação é eloquente e persuasiva...

O refeitório, era pouco menos que um desampontamento e a fonte das irritações individuais re-

1) — Xavier da Costa, Bento Roma, David Neto, Vila Chã Rodrigues Leite, Hernani Cidade.

calcadas e surdas, porque, era lá, que os oficiais queriam abrandar a fome, e era de lá que eles voltavam, taciturnos, e com ela mais excitada e agressiva. E à medida que o tempo decorria, a fome aumentava, sempre, sempre! Que flagelo! — aquela fome... alemã!

Mas a fome só se compreende quando se *sufre!*... Não se descreve.

Uma neurastenia colectiva relaxava os nervos e quebrantava a disciplina, que já se deixava tocar. E ninguém podia responder por este estado delinquescente geral.

Sòmente... a Alemanha, que fazia ouvidos de mercador.

A população daquele mundo de fantasmas vagueava contida pelo arame farpado que os mantinha reclusos no espaço delimitado pelo mesmo arame farpado e pelas baionetas alemãs — como uma quadrilha de malfeitores, espreitados de fora por uma sentinela postada em cada face do quadrado, com aquelas baionetas cravadas no cano das espingardas, prontas a cuspir a morte de quem tentasse a fuga temerária — em busca da liberdade e do pão.

A despersonalização dos homens com o seu total aviltamento, a anulação da sua condição jurídica e humana, eram, sem dúvida, a ideia fixa do opressor, que não perdia um momento na desmoralização sistemática e calculada do camarada vencido e prostrado, que queria reduzir mesmo *a—nada*.

A gamela dos oficiais prisioneiros estendida pela sua mão desmaiada e trémula, à terrina do rancho colectivo, no refeitório da fome, a aparar o caldo sórdido, é uma lembrança muito pungente, mesmo à distância que separa aquela data ominosa destes dias venturosos e calmos.

Sem agasalhos, sem aquecimento, andrajosos e asténicos, os oficiais não eram homens, lá, mas retalhos de gente fora de si e do mundo.

Pareciam, sòmente, uma multidão de autómatos ou *mortos-vivos*, sem alegria e sem esperanças, arrojados, para ali, pelas forças de um mau destino. O País não entendeu isto-nunca. Espantoso fenómeno! Espantosa abstracção humana!

Alguns oficiais gloriosos pingavam sangue de heróis.⁽¹⁾

Atenda o condescendente leitor:

Numa refeição da manhã, a sopa de certa mesa era servida por um alferes dos subúrbios do Porto, aos sete camaradas do seu grupo. Fazia-o com a imperturbável serenidade de uma grave cerimónia. Concentrava-se como numa secreta invocação de fé religiosa. Servia, pensativamente, os seus camaradas. Que o não distraissem...

Ao iniciar aquela tarefa árdua e delicada, mexeu e remexeu fraternalmente a sopa aguada, como um bom irmão: *pouca e má, mas igual para todos...* Vianda igual...

Quando começou a servi-la, uma batata peregrina e solitária, que flutuava na sopa, entrou na concha e logo voltou ao fundo da terrina, precipitada pelo alferes, que deu à colher da distribuição um impulso adequado e... hábil.

Os sete interessados fixaram o alferes e a concha, onde a batata entrara de novo, e donde, mais uma vez, era repelida para o fundo da terrina, pelo oficial amargurado, que a tomara sob o seu *patrocínio*, desvelado e *atento*...

Não dizia uma palavra. Tinha muito em que pensar, naquele instante sério...

Os companheiros daquela desgraça e daquela

1) — Tenente-Coronel Mardel Ferreira, major Xavier da Costa, capitães Vila Chã Rodrigues Leite e Agnelo Moreira.

pobreza, não estavam menos inquietos e menos atentos.

Continuou. E, quando o tubérculo perseguido ainda mergulhou na concha, aquele oficial, falando consigo mesmo, rendeu-se, deixando-a seguir o seu destino, para dizer com tristeza e com a voz sumida como um eco: *vai com a...*

Julgou que não era vigiado.

E soltou uma protéria... irreverente e muito pesada.

Não lhe coube em sorte. Bem fez por ela. Os camaradas não riram: *sorriram*, tristemente, a compartilhar a mesma desventura. E perdoaram...

Também eram pretendentes à batata vadia. Fôra para um só, mas *amargurou sete oficiais do exército!* Santo Deus!...

O episódio exacto ilustra a História dos condenados da *Alemanha*, que este país não considerava senão um desprezível bando de galérianos.

Sabem isto a *França, a Inglaterra, a Bélgica, a Itália, a Rússia, a Polónia*, que lá tiveram os seus compatriotas presos. Tê-lo-hão já esquecido? Não é de crer.

As humilhações estavam ao nível do seu calvário.

Em certa *ordem* do campo, a *Kommandantur* cuspiu, cá para fora, este insulto inaudito: *todos os oficiais prisioneiros, seja qual for a sua patente militar, ficam obrigados a cumprimentar, militarmente, qualquer oficial alemão, seja qual for a graduação deste.*

Além da fome e do desconforto, a humilhação, suprema e infamante!

Esta singular deformação mental só pode ondular em cérebros alemães. O mundo não compreende semelhante ultrage militar feito aos oficiais vencidos.

As mais altas patentes do exército português

saudavam, lá, militarmente e obrigatoriamente, um simples *alferes* alemão, à vista da sua *divina* silhueta, ao alcance dela.

Religiosamente—exacto⁽¹⁾

Era o que acontecia com o subalterno alemão destacado no campo de prisioneiros, a quem os oficiais portugueses faziam a continência militar — coercivamente.

E' a suprema injúria ditada pela mentalidade do inimigo...

Uma injúria inédita e incrível, uma degradação humana.

O ultraje chega para condenar aquela *primorosa*(!) civilização.

Não haverá relações entre militares alemães e os seus prisioneiros, se não forem marcadas pelo timbre da exautoração dos vencidos, com os estigmas vergonhosos da vassalagem e da servidão — incondicionais.

Assim se entendem *coisas destas* — para lá do *Reno*...

Nem por cortezia, nem por humanidade, se convencem de uma transigência que os levaria a saudar os oficiais de patente *superior* à sua: exigem mesmo que os vencidos se humilhem, sem condições, *reverenciando* prostradamente os militares alemães, *de graduação inferior!* O coronel português,⁽²⁾ que lá estava com outros oficiais superiores, ficava obrigado, e estes também, a saudar militarmente, um simples *alferes* alemão! E saudou... Todos saudaram!!!

Era a humilhação decretada; a vassalagem odiosa sob o signo infamante da exautoração militar completa. Os oficiais prisioneiros abrangidos pela determinação vexatória a que se alude, não se

1) — Também o refere Carlos Olavo em o «Jornal de um Prisioneiro de Guerra na Alemanha».

2) — Felizberto Alves Pedrosa.

conformavam com a afronta, e imaginaram furtar-se ao vexame, andando de *cabeça descoberta*. Já, assim, não fariam semelhante cumprimento militar. Desconheciam, porém, com angélica inocência, o poder inventivo do inimigo, quando assim se defendiam...

Por isso, foram logo surpreendidos com nova determinação, esta mais diabólica, que os obrigava, *mesmo sem boné*, a fazer a continência aos oficiais alemães, levando a mão à cabeça, *como se o lá tivessem!!!*

No dia — 9 de Abril — um capelão militar alemão, ofendeu nestes termos inconcebíveis no seu *múnus* eclesiástico, o bravo capitão *Bento Roma*, já prisioneiro, ainda nas linhas de fogo: *nós podíamos, agora, matá-lo, se quiséssemos* ⁽¹⁾ — disse o capelão!

E, no mesmo idioma em que foi expelida aquela brutalidade, que era uma monstruosa blasfêmia expelida da boca de um *ministro de Deus*, — o glorioso oficial redarguiu com orgulho: *Pour moi, ça m'est égale*.

Era um homem, *Bento Roma!*

Assim repeliu o insulto do... *piadoso sacerdote!*
— da Germânia...

O capelão fixou-o com... cólera alemã

Seguidamente, um soldado inimigo arrancou-lhe as polainas das pernas... Os superiores desse soldado, sorriram desdenhosamente, assentindo na desonra. Espantosa hierarquia!... militar

É aquele celebrado português das pugnas ultramarinas, que não entendia o servilismo nem pactuava com a cobardia, seguiu a sua via dolorosa, à vista dos bárbaros, que o haviam desfeitoado, a odiá-los e a despresá-los com o *panache* de toda a

1) — Este facto foi referido ao autor, por Bento Roma, num campo de prisioneiros da Alemanha.

sua vida militar exemplar. Qualquer praça rasa daquele exército podia, a coberto da sua qualidade de vencedor, expoliar, ofender e delapidar as mais altas patentes militares dos seus inimigos, que eram, *zero*, perante as autoridades germânicas, instrumento executivo das perfidias que vimos de enunciar.

Os oficiais franceses feitos prisioneiros na ofensiva do Somme, foram conduzidos, até Rasttat, em vagons de gado, fechados, durante tres dias, sem a menor comunicação com o exterior! ⁽¹⁾

Como é cândida e ligeira certa crítica quando estuda o caso alemão! Ou quando o não estuda... ou se recusa mesmo a estudá-lo.

Observa, essa gente *distraída e santa*, (1) a índole germânica, sem tactear as profundas e ocultas realidades do seu temperamento racial, como turistas que apenas recolhem na sua objectiva fotográfica as imagens vistosas da sua civilização aparente e falsa, deixando de captar, pela auscultação atenta e profunda da alma daquele estranho povo, aquilo que elucida e informa, psiquicamente, sobre a sua capacidade agressiva e o seu clássico despotismo.

Feliz asserto de *Eça de Queirós*, ao dizer que *«há mais civilização num beco de Paris, do que em toda a vasta New-York. Aqui não há gosto, nem espírito, nem crítica, nem classificação,* ⁽²⁾ *nada»*, dizia o insigne autor da *«Reliquia»*.

Nada faltaria à civilização alemã se ela tivesse o que é primordial numa civilização bem arrumada e perfeita: a elevada realeza do espírito, as palpitações fermentes do coração, a ânsia da solidariedade humana, numa palavra.

Enquanto isso não acontecer, podemos dizer dela, glosando o estilista primoroso: há mais civilização num beco de Paris, do que *em toda a Prússia!*

1) — Carlos Olavo — *Jornal de um Prisioneiro de Guerra na Alemanha*.
2) — *Eça de Queirós* — *Correspondencia* — pág. 17-2.ª Edição.

«Mas há quem tape os olhos, com ambas as mãos, a evitar a claridade que ilumina a verdade — *nua*.

Que cerrada obstinação! E que obstinado sectarismo!

A enumeração das afrontas alemãs seria interminável, se a pretendesemos completa. Para quê? Todavia...

Um tenente prisioneiro francês,⁽¹⁾ andou empurrado na Alemanha, desde o começo das hostilidades de um *campo* para o outro, sem nunca entender aquela interminável via dolorosa. Não lha explicavam...

Sómente o mortificavam com aquele turismo forçado e enervante.

A sua revolta era uma justa cólera, uma ira sagrada. Odiava, ao rubro, por forma cáustica, o alemão: *todo o alemão*, indiscriminadamente.

Sofreu. Fez-se um revoltado...

— *Que idade me faz?* perguntou-me, a desabafar, em certa manhã, lá na Alemanha.

— *Cerca de 38 anos* — respondi com certa caridade.

— *O camarada é gentil. Tenho 27 anos! sou a ruína que vê... Um velho de 27 anos, que a tirania «boche» fabricou... com a sua opulenta civilização! Couchons! Couchons!... explodiu, a seguir, enraivadamente.*

Era, uma ruína, o desventurado francês. Amaldiçoava a Alemanha: todos os alemães, a sua vistosa cultura; o seu despotismo racial, a sua incomparável soberba — a soberba dos grandes e intratáveis brutos da História.

Odiava com alma aquele povo... *culto*, sem coração e sem caridade.

Porque não era um turista! Mergulhava na consciência alemã que ele bem conhecia! E que tão poucos ainda agora conhecem!...

1) — De nome Padvani.

Ou se recusam a conhecer, mais ou menos *politicamente*...

Tinha a cabeça encanecida — aquele rapaz — *velho*. Respondeu por rebeldia e insurreição, em tribunais alemães...

Quando era empurrado pela escolta prussiana, pela *terceira vez*, ao Pretório daquela singular justiça interna, resistia, vomitando à cara dos verdugos, que o arrastavam, e dominavam, o clássico e ofensivo impropério: *boche, boche, boche!!!* Era o humano desabafo do impotente e do vencido!!

Espumava raiva. Dementava-se o patriota francês. Rangia os dentes. Tudo lhe era indiferente, já, por aquelas terras inóspitas e malditas: *a liberdade alemã ou a cláusula alemã*.

Foi, e respondeu. Voltou *absolvido*... De novo *recluso*, em todo o caso...

E o fim da guerra não se previa, ainda...

Foch, confessava, mais tarde uma publicação⁽¹⁾ de inspiração alemã, — era um diabo à solta: Os tanques que lançava no combate, referia a gazeta, eram tão impetuosamente⁽²⁾ mandados, que o inimigo não tinha tempo para meditar e reflectir. Mas o poder militar alemão era imenso e espantoso a sua tenacidade. Estava, porém, escrito, que nem a bravura da sua infantaria, nem o génio dos seus marechais e a sua pendular e incomparável disciplina de guerra, dariam a vitória à *grande Alemanha*, e, menos ainda, a felicidade ao seu povo iludido.

Era o seu destino⁽³⁾

Qualquer imponderável, coisa que se não vê e se

1) — Gazette des Ardennes.

2) — Esta inflexão de linguagem, há-de corresponder, já, ao declínio das armas alemãs, decepcionadas com a arremetida de Foch, que lhes não dava repouso.

3) — Ocorrem aqui as palavras de Foch, pronunciadas em 8 de Maio de 1911, junto do túmulo de Napoleão, nos Invalidos: como se a felici-

adivinha, íntima e secreta, confidenciava a vitória e segredava ao Mundo a notícia da libertação do pesadelo prussiano.

Sentia-se essa sagrada anunciação.

Mesmo nas horas incertas do *Somme*, e outras bem amargas, se antevia aquela bendita anunciação. A capitulação aliada tinha-se como impossível nos corações dos seus soldados, mesmo depois dos duros reveses das suas armas, como o incrível e espantoso desaire do *Chemin des Dames*.

Porém...

A *Providência* parecia tutelar e dar confiança às forças do bem: sentia-se um murmúrio divino confidenciar amoravelmente aos nossos ouvidos ansiosos — o dealbar da vitória final e a paz.

Todavia...

Notre Dame de Paris sauvez la France! - implorava o bom cura de *Blessy*, no fim da missa dominical, ao rezar pelos mortos do seu presbitério, caídos nos campos de batalha.

Andavam entrelaçadas, a *Espada e a Cruz*, numa sagrada conjunção espiritual contra o inimigo, que o era de *Deus* e dos homens.

Por três vezes aquele pastor das almas de *Blessy* invocava a *Virgem Nossa Senhora de Paris*, a outras tantas os seus paroquianos repetiam a divina invo-

cidade de um povo pudesse ser consequência de uma série de vitórias de sacrifícios, ao fim e ao cabo doloroso. Como se um povo pudesse viver da glória em vez de viver do trabalho como se os povos vencidos, feridos na sua independência, não pudessem levantar-se um dia para recuperar e pôr fim ao regime que os oprime. Como se não pudessem chamar-se às armas exércitos tão numerosos como invencíveis, graças ao ardor que lhes inspira o direito espinhado! Como se no mundo civilizado a moral não tivesse finalmente que triunfar do poder, que ainda que traga impressa a marca do gênio, em mais não se baseia que na força. Napoleão tentou-o e falhou, não porque carecesse de gênio, mas porque perseguia um impossível, porque com um país esgotado em todos os aspectos, pretendia vergar sob a sua lei uma Europa já experimentada pelo infortunio. Todos temos um dever sagrado: colo-

cação, num côro sincero e triste: *Notre Dame de Paris sauvez la France!*

Certo é que a *Virgem* salvou a *França*, filha dilecta da *Igreja de Roma*.

Num abrir e fechar de olhos, a arremetida alemã encrua, patina, perde o ímpeto, que antes se afigurava esmagador, a todo o mundo. *Guilherme II* emudece e sucumbe. Os generais prussianos recuam afrontadamente com a sua patuleia desobediente e em desordem. É a debandada incrível dessa *Germania*, orgulhosa, pouco antes, do seu poder e do seu gênio guerreiro. O colosso germânico é tomado das primeiras tonturas; cambaleia e cai de borco no abismo que havia cavado de olhos fechados e com mãos imprudentes.

Quem o diria! Ninguém o diria...

É a vitória! É a liberdade sacrossanta.

Com a sua doutrina e com os seus soldados, *Foch* implantou a liberdade onde o eclipse germânico semeara a tristeza e a dor, celindrando a consciência de um povo sempre grande: a gloriosa *França*.

Nossa Senhora de Paris amparara a *França*. Salvou-a, *Deus* sabe como! e a *Europa* respirou. A *França* ocupada cantou a vitória e chorou de contente-vitoriando a liberdade — a erguer hosanas benditas a *Nossa Senhora de Paris* — mãe salvadora da *França Eterna!*

Nous voulons Dieu...

car o País e a sua prosperidade (a prosperidade que tanto ambiciona) acima do exército e da glória militar.

É essa a norma que deve prevalecer: a paz é mais nobre do que a guerra. O homem melhor dotado afunda-se irremediavelmente no erro, quando nas encruzilhadas da vida não quer escutar a voz da consciência, quando despresa as leis morais que regem a sociedade e que se baseiam no respeito pelo individuo e pelos princípios da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, bases essenciais da nossa civilização, para não dizer de todo o cristianismo.

Vide Lutz - Rommel, Pag. 226, 2.ª Ed.

Na *Alemanha*, os oficiais prisioneiros franceses, crentes na doutrina de Jesus e repassados do seu tradicional e velho civismo, cantavam, recolhidamente, esta quadra amorável, sublime e bela, que o eminente escritor, Coronel Senhor *Alexandre Malheiro*, recolheu no seu precioso trabalho — «*Da Flandres ao Hanover e Mechlenburg*», já referido:

*Nous voulons Dieu, dans notre armée,
Afin que nos Vaillants soldats
En defendant la France aimée
Soient des horos dans les combats.*

A que outros oficiais franceses respondiam em câoro:

*Bênis ó tendre mère
Ce cri de notre foi
Nous voulons Dieu
C'est notre père
Nous voulons Dieu
C'est notre roi*

A que inacessíveis alturas espirituais se eleva sempre a nobre *França*, e que infinita distância a separa do Mundo Alemão!

«Não sei — conta Carlos Olavo — se há alguém ainda que defenda esta monstruosa *Alemanha* que nos rouba, que nos oprime e nos devora a carne. O que sei é que o ódio eterno dos que sofreram há-de reclamar eternamente vingança e extermínio e maldição contra este povo facinora e o espírito justo dos que souberam observar há-de proclamar incessantemente que a sua virtude, a sua disciplina, a sua cultura, o seu método a sua humanidade, são pura fãncaria, como os produtos da sua indústria de intruções. E as nossas fa-

mílias ainda escrevem cheias de alegria por estarmos sãos e salvos. Ah! Sim! Hão-de ver um dia, depois da paz, quando o mundo estremecer todo inteiro no júbilo da harmonia difinitivamente conquistada, regressar aos nossos lares palpitantes de emoção, os esqueletos daqueles que ainda puderam salvar os ossos».¹⁾

Olavo arquiva estes amargos dizeres em 2 de Julho de 1918, dentro da *Alemanha*, coabitando, lá, connosco, sob a dolorosa agonia que o mundo parece não entender. Sendo assim, também o mundo jámais compreenderá aquela *Alemanha* contraditória.

O autor de «*Jornal de um Prisioneiro de Guerra na Alemanha*» andava desesperado, como as demais vítimas da opressão germânica. Era um homem livre - *sem liberdade* — que invectivava aquela gente insociável e estranha.

E não se ouviam no mundo os gritos do patriota português!

Nem em Portugal, tais gritos foram escutados.

A política Nacional andava surda, esquecida de que o País tinha os seus filhos pouco menos que abandonados ao despotismo inimigo.

Apesar do seu violento e depressivo martírio, ainda aquele companheiro teve vibrações e mocidade para erguer, lá, sob o céu de chumbo alemão, o seu grito de revolta, num clamor sagrado, a apontar à *Humanidade* e à *História*, a ferocidade daquela gente *civilizada*...

E que admiram, e até enamoram, *babadamente*, pouco menos que... de joelhos...

Ninguém teria melhor autoridade do que aquele voluntário combatente da *Flandres* - valoroso e honrado militar.

Era, aquele escritor de guerra, como revelou

1) — Carlos Olavo «*Jornal de um Prisioneiro de Guerra na Alemanha*» pág. 93 — 2.^a edição.

no seu vasto e fiel repositório, - *um bom paisano...* tal como *Hernani Cidade*. Na Escola de Belém, estes soldados gloriosos quase não davam pela lufalufa da instrução militar que decorria apressadamente na vasta parada do quartel. Vagueavam noutro planeta, por ventura no mundo das abstrações, solicitados por anseios intelectuais e literários que procuravam para lá da vida prosaica e monótona das coisas militares? Assim seria, com efeito.

Andavam.

Porém, uma coisa, nobre e séria andava, intrometida no seu subconsciente e na sua juventude impetuosa e rebelde - que era a chama, alterosa e viva, do seu amor a *Portugal e à Liberdade*, que o inimigo encarniçadamente combatia, pois só uma liberdade contava, para ele: *a liberdade alemã!*

Sabiam isto, bem.

Não se acomodavam, *paisanos* como eram, e de formação acentuadamente livre, áquele noviciado militar insípido, de emergência, mormente no seu aspecto vistoso e externo: *garbo e aprumo militar*.

Não se prendiam nem se enleavam com esses pormenores comuns aos exércitos de todo o mundo.

E cumpriram, como *Deus* sabe, como grandes soldados, com galhardia, o santo juramento de fidelidade ao alto dever cívico da defesa do seu país, que tanto estremeciam. Nessa alta meditação, não foram ultrapassados: bem o provaram, no lugar próprio, onde jogaram a vida e onde *perderam a liberdade*.

São inumeráveis as delapidações indiscriminadamente perpetradas por graduados e soldados anónimos do orgulhoso exército de *Guilherme II*.

Bento Roma é expoliado grosseiramente. Foram expoliados oficiais superiores.⁽¹⁾ E quantos, e quan-

1) - Tenentes Coronéis Craveiro Lopes e Mardel Ferreira.

tos... Todos, por certo, numa geral expoliação imposta pela caprichosa mentalidade das autoridades alemãs.

Áqueles oficiais superiores subtraíram, homens fardados da *Grande Alemanha*, no sádismo de um *indispensável* vexame, artigos do seu uso pessoal.

Na cegueira da sua orgulhosa invencibilidade, aquela gente dementa-se. Tudo lhe pertence, tudo é património legal e incontestado da sua *força: a glória, a pessoa mesmo do vencido, e, em consequência, a sua própria liberdade*, essa coisa *sem préstimo* para aquela gente... única, áparte.

Num enorme salão da estação de *Hamburgo*, que é um mundo de vertigem e um centro gigantesco de actividade fabril e de mundanismo internacional, foram os oficiais prisioneiros recolhidos por algumas horas.

Um velho general, com uma capa de gola vermelha suspensa dos ombros largos, as pernas arqueadas de um antigo cavaleiro, arrogante como um sultão, caminhando com passo lento e pesado, a dominar orgulhosamente o vasto recinto com os seus olhos papudos, entrou ali, e vociferou, muito ofendido: *je suis général!*...

Andava, e parava, para advertir de novo: *je suis général!*...

Era um remoque da sua deformação profissional, por certo arrumado, já, no quadro inactivo da reserva...

E repetia, ainda, levantando mais a voz: *je suis général!* - ao ver que os oficiais portugueses se punham calculadamente alheios à alta patente que proclamava, e que o velho prussiano não queria ignorada, ali mesmo, pelo inimigo vencido.

* *

Naquele salão onde se festejava certo motivo militar, liam-se estes dizeres inscritos nas suas pa-

redes altas, para o seu orgulhoso exército, á laia de decálogo ⁽¹⁾ patriótico.

Ech Kenne noch Deutesche - : Eu conheço sòmente o alemão.

É este outro: Gott mit :- Deus conosco.

Típica fraternidade!

Eu conheço sòmente o alemão!...

Na impossibilidade de ofender a *Providência* com *exito*, e certamente arreceados da sua justa cólera, é a *Deus*, sòmente, que se associam...

Não admitem outra parceria, por não haver na *Terra* quem lha mereça, sem se lembrarem de que *Deus* chama para o seu *Reino*, legiões de irmãos, sejam nascidos nas margens românticas do velho Reno, nas estepes russas ou no *Sertão do Sul*... Todos irmãos!

A omnipotência de *Deus* - ou *Deus* na sua divina omnipotência-não delegou na soberba Alemanha poderes exorbitantes... Por isso, do seu indevido uso, lhe pedirá contas severas.

Fome e humilhações, afrontas sem nome, tudo a prodigiosa imaginação do inimigo serviu aos retalhos humanos que arrastavam a sua desgraça incomparável diante do arame farpado por onde vagueiam e agonizam.

Por ali andam vinculados à sua fome, ao seu desconforto-todos os dias e todas as horas. Alguns, desesperam; não podem mais, e evadem-se do cativeiro, pondo em risco a vida-sedentos de liberdade e ávidos de pão.⁽²⁾

Em certa noite...

Forçam, pacientemente, com rara audácia o arame farpado, iludindo a vigilância da sentinela alemã, sempre atenta e desconfiada, escapando-se

1)- Vidé Coronel Senhor Alexandre Malheiro Ob. - Cit.

2)- Capitão Pires, tenente David Neto, o alferes Calazans, valentes soldados de Portugal.

pelos campos, alta madrugada; rastejando no escuro como malfeitores. Evitam encontros com a população alemã; o coração aperta-se-lhes; deitam-se no chão tão ofegantemente, como na *Terra de Ninguém* se estendiam, também, a rondar o inimigo no seu parapeito; não respiram; a liberdade tenta-os. E quando a julgam seguramente conquistada, já longe do olho hostil da sentinela iludida, de novo a perdem... Pouco tempo se aqueceram ao seu macio e benigno sol! Foram delidos: E, logo, novamente devolvidos à escuridão da *Kommandantur* e ao cercado dos proscritos.

* * *

Seguidamente a *Rasttat*, passam alguns oficiais por *Karlsruhe*, mimosa cidade onde tudo revela o gosto, o equilíbrio, a arte e o génio da sua gente—que aliás ninguém contesta...

Ficámos instalados em hotéis desabitados. Metidos nos quartos, por grupos, naqueles misteriosos hotéis, não mais tivemos contacto com o mundo de fora. Aquele em que fui recolhido, era fechado com um forte cadeado. E as janelas também.

Naquela solidão, e com vagar, tudo foi bem devassado pelos nossos olhos. E então pudemos ver nas suas paredes, em caracteres sumidos, quase ilegíveis, este aviso confidencial: *Attention! Attention! Les boches vous écoutent!*...

Era certo, que toda a imprudência de linguagem estava a ser captada por ali, e que, por aquele *vistoso* hotel, haviam transitado os infelizes, que assim queriam prevenir outros camaradas postos, lá, sob a mesma angustiante custódia. Muito calculadamente, por isso, nos impusemos um severo sigilo: *les boches nous écoutaient!*...

Outro campo foi *Fuchsberg* ⁽¹⁾ - da raposa como

1)- Pântano da Morte, lhe chamou Alexandre Malheiro.

ele era conhecido. É extremamente sáfara a terra que o cerca, numa vasta extensão, sem água potável, sem verdura, sem panorama. É um ermo negro, despovoado, sem vida. As camas dos prisioneiros enchem-se, lá, com o mato seco e agressivo daquela terra maninha e amaldiçoada por Deus. Isto não admite oposição. Não a aceitam os condenados de Fuchsberg!— nunca.

Se a fome, em *Rasttat*, era mortificante, nos pântanos desertos da raposa infundia já medo: era o espectro da morte, que bailava diante dos nossos olhos.

Gostosamente reconheço que o «Jornal» de Carlos Olavo, confirma as notas que acabo de arquivar, quanto á maldição de Fuchsberg, nestes termos irrefutáveis e probos:

«Era situado num pântano no meio da mais desolada esterilidade, sem cultura, sem água, sem sombra de verdura. A água potável vinha de uma estação de caminho de ferro proxima em vagonetas e em porção que daria 2 ou 3 decilitros por dia a cada um. A alimentação era horrível, insuficiente e intragável. Se não fossem os franceses, que generosamente repartiam com os portugueses bolachas e conservas, não tinham sobrevivido um único dos nossos daquele cruel «sejour» de Fuchsberg.

«Os oficiais e soldados eram verdadeiras feras.

«Depois das dez horas da noite não era permitido a ninguém sair das barracas porque as sentinelas não hesitavam em disparar ⁽¹⁾...»

Os colchões eram de urze... cheios com urze cortada no campo.

A morte por inanição tinha-se como certa.

A sopa dos cativos, característica, era um líquido amarelado, solto como a água ludra de um

1) — Carlos Olavo — ob. cit. pág. 114 e 115.

tanque de lavagem, sem gordura, inclassificável e abominável. Todavia... pouca... Pouca! Maldito povo! Maldita gente!

Miserável, sórdida e... insuficiente. Eis tudo!...

A vegetação era rasteira como a grama, e como ela cravada no solo que enraizava profundamente. Era, aquilo tudo, fome, silêncio, frio e esterilidade do solo, a antecâmara espectral da morte. Não se via uma ave cortar o espaço ⁽¹⁾. Pareciam, aqueles campos ingratos e escuros, paragens de mau agouro. Sómente a morte rondava ali, a fisgar os fantasmas que a tentavam. Parecia, aquilo, um mundo de sombras, sem vida, sem rumores, um vasto cemitério, enfim.

Perdi as esperanças de voltar ao País, à família e à liberdade.

Fugi de todos, em certa manhã de desalento mais profundo, para um isolamento que me atraía, a cogitar com amargura na maldade daquela gente e no destino da legião de famintos, párias, desventurados, que eramos lá... A debilidade física parecia anunciar uma agonia lenta, e demorada, que se iniciava por aquelas terras malditas e frias.

Os prisioneiros não viviam horas alegres, entre si. Evitavam-se, isolavam-se, acusando-se (assim parecia), da desgraça que sofriam, e de que nenhum tinha culpa, porque todos eram vítimas dela. Vítimas iguais.

Assim cogitava, na minha procurada solidão, naquela manhã de maior desespero.

O degredo de Fuchsberg era um campo de represálias dos russos. Porque estávamos nós, lá? Não se sabia.

1) — Um casal de andorinhas solitárias, andou por ali, parece que aparvalhado e tonto. Fez o júbilo dos oficiais que o acariciavam. Alexandre Malheiro, afeiçoou-se-lhe muito enternecidamente.

Não se responde à pergunta, porque se não se penetram, nunca, as intenções alemãs...

É uma raça à parte, ora afectiva, de simpatia mesmo envolvente, ora cruel, fria e indiferente às dores e sofrimentos alheios, que a não interessam nem preocupam. Passa-lhes de lado, e nem por curiosidade, volve os olhos para saber que coisa é aquela donde se levantam gemidos humanos ou rogos de aflicção.

Com a vitória militar na sua mão implacável, é de temer, aquela gente dura, que não sabe usar da sua força e do seu poder com branda humanidade.

Fecha os olhos e esmaga, e cilindra...

Deutschland Uber Alles! — Caramba...

Domínio e autoridade, só com despotismo se entendem, segundo o conceito prussiano.

Nem para outra coisa servem a autoridade e a força germânicas...

Nem para outra coisa querem, força e autoridade, — sobre o adversário que capitula honrosamente de armas na mão.

Só com as mãos ensanguentadas pode excitar-se a força e a autoridade do vencedor Alemão. *Pelotões de execução, campos de concentração, cemitérios de multidões humanas passadas friamente pelas suas armas a povoações inteiras*, tudo assinalado nos crimes⁽¹⁾ da última conflagração europeia, falam, por si só, e bem alto falam. E há ouvidos que não ouvem, e olhos que não vêem... Que intransigente cegueira mental!

1) — 25.000 a 30.000 soldados morreram no campo de prisioneiros alemão de Zagan (Polónia) cujos cadáveres se encontraram em desas sete valas comuns. Eram originários de onze países entre os quais a Polónia, Estados Unidos, U. R. S. S., Grã-Bretanha, França, Checoslováquia, Grécia, Iugoslávia, Roménia, e Itália. A maior parte morreu devido à fome e ao tifo, mas alguns milhares foram assassinados — (informação da Agência Pap. — Jornal "Século" de 23 de Maio de 1958).

O campo de *Fouchesberg*, era comandado por um capitão de côr baça, rosto seco, nariz curto e aguçado, onde se empoleiravam umas lunetas cintilantes de rabino.

O conjunto desta raridade fisionómica era uma espécie bastante repulsiva. Lembrava um negreiro de posse daquela roça improdutivo, um lobo-cervaldos pântanos desertos de *Fouchesberg*, rei daquelas terras maninhas e amaldiçoadas, a escarvar entre a urze, por cima da grama, a farejar coisas vivas... quase mortas. Era delgado e enxuto, não muito alto, a figura irritável do bilioso. A uma centena de metros da moradia dos párias e escravos, vivia este asanhado *Kommandantur* na sua toca, parece que bem cuidada. Costurava, lá, à porta, uma fada nova e gentil, que diziam ser sua filha... Não seria... Não parecia advir de semelhante genitor, aquela fada branca de neve...

Os prisioneiros, *portugueses, franceses e belgas*, daquela lobrega mansão, eram pontuais às duas chamadas diárias, que se faziam junto de um pequeno lago chôco, onde meia duzia de rãs abjectas, de olhos estoirados, coaxavam agonizantemente, babando-se pelos cantos da bôca rasgada e mole. Os oficiais formavam em quadrado, com o pequeno lago metido dentro da sua formatura.

Logo que o lobinho do pântano despontava do seu covil, seguido da matilha dos seus caudatários, ligeiros como galgos, os oficiais belgas irrompiam numa blasfémia colectiva, a citar o milhafre alemão: *boche, boche, boche!!!*

Espirrava ódio, o roceiro fardado do pântano da morte...

À sua chegada, o silêncio voltava ao quadrado dos cativos. Nada se havia passado...

A *Kommandantur* rúgia, lá por dentro, numa cólera sufocada. Ninguém entendia as pragas vomitadas por aquela espécie no seu alemão gutural e ras-

cante. Passava em frente da formatura acompanhado de um esbirro, alto e seco como uma raposa, que chamava os prisioneiros pelos nomes completos... Pertencia à corte subalterna do régulo de Fuchsberg.

Um alferes belga chacoteava com descaro da autoridade suprema do *deserto*—voltando ostensivamente o rosto para o lado, quando, à sua frente, chamavam pelo seu nome, a desdenhar do capitão enfurecido.

E respondia, em voz bem arrastada: *pré...sent...*

No lago sórdido caíam pedras atiradas pelos oficiais que ficavam atrás daquele *homenzinho* feroz. Pequenas colunas de água levantavam-se dentro do lago fétido, e o ruído provocado pelo arremesso das pedras, na água, dementava a *Kommandantur* enfurecida. Praguejava encolerizadamente, a ripostar àquela inusitada rebeldia dos seus *comensais* cativos.

E, quando tudo parecia sereno e a calma restabelecida, novos arremessos de pedras, no lago, levantavam outras colunas de água, e repetiam aqueles ruídos, que, outra vez, também, excitavam a autoridade ofendida do deserto negro...

À saída de *Sua. Exa.*, outra reboada de insultos fustigava a egrégia autoridade: *boche, boche, boche!!!* — gritavam os prisioneiros belgas.

Quem imaginava a ementa daquelas refeições miseráveis? Que preversão humana terá inventado aquele *prato único*, água *ludra*, com a qual os oficiais degredados baldeavam o estomago duas vezes ao dia?

Tanto podia ser *Berlim*, como *Fuchsberg*...

Fosse quem fosse, eram bárbaros, ditos super-civilizados, que lhe davam o geito criminoso. Alemães, numa palavra... iguais em toda a Alemanha. Numa manhã, um tenente alemão, esmeradamente

gentil e cortês, da arma de artilharia, abeirou-se de um oficial belga prisioneiro, para recolher dele as respostas a certo questionário. E interrogou, muito cortezmente:

— Reconhece que se vem portando mal?

— Reconheço. Porto-me mal. E continuarei a portar-me mal, sempre.

— Está disposto, de futuro, a corrigir-se?

— Não senhor, já o disse. Portar-me-ei sempre mal.

— Porquê?

— Porque sou tratado como um «porco» pelo vosso país de bárbaros, a Alemanha. Como um porco!!!

O tenente alemão parecia entender a desgraça do seu camarada prisioneiro. Contra o que era de esperar — *só por ser alemão* — ouviu corajosamente o insulto revoltado do oficial belga, sem o mais imperceptível arreganho, levando a mão ao boné, a despedir-se: *merci!*

Sempre que este militar se dirigia ao quarto⁽¹⁾ distribuído, em *Rasttat*, ao coronel português, *Alves Pedrosa*, unia previamente os calcanhares, tirava o boné, e só depois batia mansamente à porta, para se anunciar.

Era de uma requintada conduta. Excepcionava com honra, — dentro da *Alemanha* — aquele soldado gentil.

Por isso, é muito grato ao meu juízo crítico, ansioso de verdade a ávido de justiça, arquivar este pormenor agradável na triste resenha destas notas da guerra de 1914/1918.

O calvário prosseguia, naquele país maravilhoso e distante, onde tudo é imponente e belo, desde

(1— Os demais oficiais prisioneiros viviam numa caserna geral.

a paisagem deslumbradora das suas colinas encimadas pelos seus castelos medievais, dominantes e de sonho, até à sua forte e sólida arquitectura; desde a ordem geométrica das suas alamedas e jardins, até à disciplina do seu povo, que parece inspirada no estatuto militar do soldado prussiano.

É incomparável, este país, em muitos domínios do pensamento, da acção e da arte. Entristece, por isso, a inteligência, ver esta raça genial decair tão odiosamente nas questões primárias de humanidade, que lhe não merecem reflexão nem estudo.

A sua megalomania militarista cria nela a volúpia da violência, que já parece mórbida. Os demais homens, para alemães, serão apenas — *talé e refugo humano*. É da sua mentalidade exclusivista, o desdem que lhe merece o resto da humanidade.

Não se sabe porque não paravam os oficiais prisioneiros embarcados do Sul da Alemanha até às proximidades do Mar Báltico: *de Rastat para Kalsrhue, de Kalsrhue para Fuchsberg e daqui para Meclemburg!*

Nestas intermináveis peregrinações, a fazer o *turismo da fome*, toda a liberdade dos vencidos se limitava ao espaço das carruagens onde seguiam, ao ver, de relance, *Francfort, Hanover, Hamburgo e Bremen*, urbes maravilhosas da poderosa *Germânia*.

Saltavam á gare sómente quando mudavam de combóio

À medida que os exércitos de Guilherme II recuavam na frente de batalha, crescia a liberdade dos cativos de *Breesen*.

Fomos transferidos para Breesen in Meclemburg.

Breesen era um céu, comparado com o deserto negro de *Fuchsberg*.

Publicações longamente documentadas com verdades eternas, elucidam o leitor interessado sobre a vida do cativo alemão ⁽¹⁾.

Carlos Olavo, no seu *«Jornal»*, consome a sua vigorosa mocidade a amaldiçoar os bárbaros. Dá vontade de gritar como ele, no desespero das suas maldições sagradas.

Alexandre Malheiro soluça, doridamente, na narrativa da sua odisseia. Sofre, parece gemer, o excelente coração daquele homem — bom e militar valoroso — profissional de nomeada.

Olavo, entre revoltado e melancólico, anota por sua vez:

«Chegaram aqui (Breesen) alguns soldados portugueses...

Os nossos soldados chegaram aqui num estado que infundia lástima. Magros, sujos arrasados. Um deles, António da Costa Padrão, soldado n.º 603 da 4.ª Companhia de infantaria 8, contou-me as crueldades, os maus tratos, os rigores a que estiveram sujeitos antes de serem dirigidos para este campo. O aspecto deste homem, que mal se tinha em pé, dava um estranho realce e uma formal confirmação ao relato que fazia. Estiveram cerca de dois dias na cidade de Lille empregados em trabalhos diversos. A alimentação era de tal modo escassa e os trabalhos de tal maneira pesados, que, passados dias, os pobres homens caíam absolutamente exaustos de energias. No entanto esta energia, era arrancada, sugada, alimentada até à última parcela, empregando-se para isso todos os processos da usual brutalidade alemã. Várias vezes soldados boches empre-

1) — Carlos Olavo — Ob. Cit. — Alexandre Malheiro. Ob. Cit

garam as coronhas das armas para compelir os portugueses ao trabalho, quando eles já não tinham força que lhes permitisse fazer o mais pequeno movimento. Alguns morreram lá mesmo: outros foram removidos para os hospitais como coisas já inutilizadas, e poucos vieram para este campo. Um dia, cheios de fome e lassos de fadiga, gritaram que lhes dessem de comer. O castigo não se fez esperar, duro violento e cruel, como é próprio da incorrigível barbaridade deste povo: *estiveram 10 dias sem água.* ⁽¹⁾

1) — Carlos Olavo — Ob. Cit.

ESPERANÇA DO RESGATE

*F*oi no campo de *Breesen* que começou a dealbar, inêcisamente, a liberdade dos proscritos portugueses.

Os oficiais já passeavam na estrada contígua àquele campo, acompanhados, sempre, de soldados alemães, que os vigiavam muito proximamente, — em certos dias.

Hesitei em aproveitar o *benefício* da *Kommandantur*. Desconfiava da minha resistência para aguentar a deambulação recreativa e higiénica. A todos os oficiais prisioneiros acontecia o mesmo. Tentado, experimentei. Lá fui...

O ar forte da liberdade, respirado ali perto, não parecia muito de feição à convalescença que tentava naqueles passos dados fora do arame farpado, a abrir muito os olhos que queriam abranger um amplo horizonte, arejado e fresco, que há tantos meses desconhecia, condenado ao desterro e à fria reclusão do cativoiro.

À saída do campo, havia um quintal num plano inferior à estrada, com um pomar de macieiras. Os meus olhos e os olhos do meu companheiro devassaram o chão, debaixo daquelas árvores, onde branquejava um refugio de maçãs tamaninas, debaixo delas, enrugadas e velhas.

Pobres!

Um rapazito alemão, que lá brincava, entendeu o drama dos nossos olhos famélicos, apanhou dois

pequenos frutos, saltou à estrada, e deixou-os na minha mão.

Fugiu, a espreitar, para um e para outro lado, não fosse o soldado alemão da escolta descobrir aquele crime... de guerra! Meti no bolso os pequenos frutos, que afagava e ameigava com a minha mão quente e nervosa. E cogitava sobre a caridade que me cumpria extrair daquela esmola do pequeno alemão... E continuava a marchar...

Era um problema!

Vacilava.

O meu companheiro⁽¹⁾ caminhava ao meu lado, muito recolhido, como que a rezar para dentro, de olhos no chão.

Eu lia a sua expectativa atormentada, quando ele cofiava, com a sua mão delgada e anémica, uma longa barba que criara no cativeiro, a relançar, para mim, um olhar triste e súplice, que era um olhar de mendigo esfomeado...

Mas a minha fome era igual à sua; uma fome desesperada, e os pomos miseráveis, que eu amimava no fundo da minha algibeira, eram dois, insignificantes e velhos... Só dois...

Ao egoísmo que levedava em mim, como na alma bruta de um fóssil, replicava, logo, também, a minha consciência a impelir-me para o bem e a aconselhar-me a meritória acção da minha caridade com aquele parceiro infeliz.

Mas continuava, indeciso, a rolar na concha da minha mão, metida na algibeira, as duas maçãs pequeninas e mesquinhas.

O companheiro era, e eu bem o sabia, um irmão de armas da patuleia de *Vila Chã* - tal como

1) - Alferes Carlos da Silveira Malheiro - Infantaria 8 - Brigada do Minho.

Está agora recolhido num hospital de alienados, o desventurado irmão de armas da nossa família militar da guerra e da chefia paternal do valoroso Vila Chã.

os saudosos *Malaquias de Sousa Guedes, Rebelo Branco e Constantino Tavares*.⁽¹⁾ Era um irmão das horas sombrias das trincheiras, das vigílias eternas, e, tal como eu, parceiro do terramoto de 9 de Abril, de toda a campanha de martírio e sofrimento, e, tal como eu, também, encharcado na lama gelada, de dia e de noite, em frente do inimigo implacável.

Era um irmão da guerra... E eu bem sabia que era...

Resolutamente, como quem sacode um crime ou a sua perpetração iminente, saquei da algibeira os dois frutos miseráveis, e entreguei-lhe um: *o mais pequenino*...

Para mais, já não chegava a minha magnanimidade esfomeada... lá nos confins gelados do degredo alemão. O mais pequenino!

Que Deus esqueça o feio pecado! - esse grande pecado - um pecado vergonhoso! - que ensombrou o meu entendimento e perturbou a minha consciência - por um momento só.

Levou-o de um vez à bôca. Eu fiz outro tanto ao meu.

Continuámos a marcha, arrastada e fúnebre. Em silêncio...

O pomo da íntima *quezilia*, excitara a nossa voracidade, em vez de apaziguar a fome.

Maldita Alemanha! Maldita guerra! Maldito destino!...

A miséria, como eu então vi, gera perversões monstruosas e aguça abomináveis instintos. Que laboratório de infâmias - a guerra!

Uma maçã mesquinha, abandonada debaixo das macieiras de um quintalejo nos confins da Alemanha; sem valor, enrugada como as bochechas chupadas de uma velha muito velhinha; refugio para ani-

1) - Todos de Infantaria 8 - Brigada do Minho - e da mesma companhia, 3.ª - comandada por Vila Chã - unidos como irmãos.

mais, pôs em risco a minha consciência, que estava a subverter-se, diante do irmão que me suplicava somente com os seus olhos tristes e fundos.

E é destes eventos bárbaros e condenáveis — destes *nadas* e por via deles — que as consciências se perdem, a descambar para as espécies rudimentares o que lá não aconteceria, se os alemães fossem *menos alemães*, se aquele povo inóspito se chegasse resolutamente a *Deus* com o coração e ao próximo por amor de *Deus*!

Les portugais sont philosophes — dizia certo alemão, quando declinamos a identidade e revelamos a nossa doutrina católica:

A objecção continha alguma ironia do materialismo germânico. *Filosophes!*... Teóricos, nefelibatas... os católicos portugueses, queria dizer na sua aquele a quem lá se chamava urso branco, de pele branca, olhos brancos, pestanas e sobrancelhas brancas como o linho.

Como é possível, que um povo privilegiadamente culto, genialmente apetrechado, não acorde para a vida solidária e fraterna com os demais povos do mundo; que tenha *Jesus* nos seus templos, e se recuse à prática humilde da sua doutrina universal e eterna?

Nisto decai, rotundamente, a decantada cultura alemã e a sua aparatosa civilização.

Será cruel todo o povo alemão, ou aquela deformação psíquica supura de uma classe predominante — o *Exército*, que esmaga os vencidos e os trata com severidade inaudita, e impõe ao povo germânico um incondicional e indiscutível acatamento das suas incríveis desumanidades?

Terá, aquele povo, antes, um fatal pendor para a crueldade, sem mesmo cuidar do reverso da fortuna, que já na segunda conflagração lhe foi duramente adversa, tornando-o, agora, também, por sua

vez, vítima de amputações sangrentas e punitivas, que lhe deixam cicatrizes inapagáveis?

A tirania alemã parece um fenómeno generalizado e especificamente germânico. O exército, só, não tem que responder pelas suas taras ráticas, só porque são ráticas as suas taras...

O alemão tem pelo mundo um incorrigível desdém: *Deutschland uber alles- sempre!* Acima da Alemanha, somente *Deus!*... Igual a ela, *nada!*

Por isso, se tem transviado no decorrer da sua *História* contemporânea.

Cobria-me de opróbio a falta de caridade na estrada alemã, naquela branda tarde de *Breesen*. Nunca esquecerei a degradação iminente gerada no meu espirito, quase deformado, que hesitava em repartir com o companheiro da fome uma coisa sem valor, abandonada, *somenos*...

Deus não permitiu que me enxovalhasse com esse labéu infamante. Despertou, súbitamente, no meu subconsciente, a minha verdadeira alma, que sempre me pareceu a de um homem terso e justo: *salvou-me!*

Abraçados ao madeiro da mesma cruz, subimos, unidos, o nosso calvário de irmãos, até à hora suprema do resgate.

Que heroísmo se não contem naquela pequenina renúncia donde se desprende a migalha referida, agora, nestes tempos de abundância e de confortol...

Não se avalia, esse heroísmo. A fome dos oficiais começou na hora em que caíram prisioneiros, crescendo sempre até à libertação.

Outro companheiro ⁽¹⁾ afreguesou-se comigo, e frequentemente me pedia um cigarro, que eu lhe

1) — Alferes Nunes de Carvalho de infantaria 8.

dava — de *mau* humor. Dera-lho, também, num dia em que ele entrou no meu quarto, onde eu já estava deitado, às primeiras horas da noite. Logo me palpitou a intenção da sua diligência. Entrou. Falou e disse muitas coisas. Não disse nada... Andava de um lado para o outro, com estudada calma, e arengava desconexamente.

Tagarelava sem convicção... Toda a avariada retórica se quebrava de encontro ao meu gelado mutismo, imaginado com o propósito de amortecer o ímpeto da sua falácia vazia. Dizia somente banalidades charras. Súbitamente, estacou e encarou-me suplicantemente: *«vejo que não há maneira de entenderes o que eu quero...»*

Ri-me.

Era um cigarro suplementar, o que implorava o desterrado de *Breesen*, e que eu lhe dei, a rir-me dele, sem *piiedade*...

Não teve coragem de o pedir sem aquele doloroso prelúdio...

Era o preço amargo do cigarro, bem regateado e difícil do exílio...

Meteu-o na boca, e saiu vitoriosamente, a tirar fumaças fundas e bem aproveitadas, de peito inchado. Era venturoso, então...

Sobre a tortura da fome, o espinho do vício daquele delicioso veneno, que tornava o prisioneiro um ser humano do tipo acabado do vagabundo e do mendigo, que suplica duas coisas de esmola: o *caldo* e o *cigarro*...

Nem esta carência desesperante deixou de o tomar naqueles dias negros do caliveiro.

Inventava tabaco nas folhas secas da batateira que moía nas suas mãos, como o rapazio das aldeias faz com barbas de milho...

Em certa noite, alguns *oficiais superiores*, vizinhos de quarto, adiantaram o seu cavaco até altas

horas, versando, de viva voz, o tema da sua fome, o eterno tema dos condenados de *Breesen*.

O tabique que nos separava deixava passar aquelas palavras sumidas, que parecia virem do fundo de uma enfermaria. Ouvia, distintamente, aqueles desabafos dolentes. Os meus companheiros⁽¹⁾ resmungavam com algum respeito — e não adormeciam. Ouvíamos os suspiros da fome, que se levantavam, de instante a instante, entre aqueles vizinhos, a pontuar a narrativa e o desalento, e a ilustrar o seu drama.

Nunca aquela odisseia foi compreendida em Portugal. Continuou, aquele povo de *alta cultura* a ser por aqui admirado, sem uma reticência, sem um reparo. E até defendido pela inconsideração de uns tantos, que nunca meditaram na tragédia dos seus compatriotas cativos.

Somente os oficiais prisioneiros o entenderam, para sempre, e para sempre o amaldiçoaram. Para sempre!

Quando um⁽²⁾ daqueles *oficiais superiores*, erguendo mais a voz cansada, soltava um fundo suspiro e se lastimava da fome que o ralava, a acentuar o contraste da sua lenta agonia com as delícias de tantas bolachas que possuía no Porto, ou em Vila Nova de Gaia, o sono espantou-se de todo!...

Uivávamos debaixo da roupa, a tapar os ouvidos, que cada vez ouviam melhor, o que não queriam ouvir...

Era uma crueldade involuntária; mas era cruel ouvir referir, ali, raridades de delicada alimentação, distantes e imaginárias, entre famintos a quem não se dava uma côdea farta, mesmo negra e úmida, e a quem se recusava *mais* uma colher de caldo sórdido.

1) — Tenente Crispim Soares Gomes, alferes Carlos da Silveira Malheiro, e Rebelo Branco.

2) — Tenente coronel Alexandre Malheiro.

do e reles - que lá era servido aos condenados do *Corpo Expedicionário Português* detidos na Alemanha. Esquecidos lá!

A uma representação dos prisioneiros feita á *Kommandantur*, a requerer mais sopa, receberam os oficiais esta resposta - alemã -, imperdoável: que não tinha, a *Kommandantur*, qualquer dúvida em deferir a impetração, e que então mandaria meter na sopa mais água...

A nova representação em que os oficiais pediram mais aquecimento para aquele clima gelado, a mesma *Kommandantur* despachou com outro cinismo: que a Alemanha precisava poupar as suas florestas!...

Na manhã seguinte, requeri delicadamente ao vizinho das bolachas do *Porto*, que foi um nome destacado nas letras nacionais, de assinalado relevo profissional e literário, que nos poupasse áquelas recordações amérgas das impossíveis bolachas; que o tema excitante nos havia tirado o sono, exacerbados pela nossa fome — de pão e de caldo...

E o vizinho, que era um coração magnífico, prometeu evitar a reedição da tese, declarando-se condescendentemente compreensivo do respeitoso protesto que acabava de escutar.

A isso se havia chegado.

Em certa hora, tudo se alterava na Alemanha, agora revolucionada.

Guilherme II e os seus marechais caem em desgraça: *caput*. A *Krupp*, a grande fornalha de guerra, que a alimenta com vidas jovens e anónimas — *caput!*

A grande finança enamora altas patentes do

exército, que o Mundo tinha por incorruptíveis,¹⁾ quando ostentavam rútilas estrelas em que se revia a sua valente infantaria, gloriosos soldados de *Chateau Thierry*

Começava a dissolução da disciplina pretoriana e o envilecimento do poder militar alemão, já desarticulado diante do valoroso *Foch*, que estava a limpar a França da peste germânica.

E o avanço alemão já rondara Paris... Quem o diria!

A França viveu todas as emoções: o pânico e a glória.

Em Outubro de 1918, a revolução alemã exige a paz em nome dos seus milhares de mortos. Há comités de soldados a impor a revolução. O povo faz com eles causa comum contra os poucos oficiais que intentam alguma resistência á onda de insurreição que alastra por toda a velha *Alemanha Militarista*.

O povo reclama o termo imediato da guerra e o fim do seu sacrificio inútil. O poder cede já perante a justiça popular condenatória.

Raros oficiais comparecem uniformizados nos lugares públicos! E' o infalível desfecho da tirania imposta á Nação, que já sacode a canga dos seus insaciáveis tiranos. A França está semeada de sepulturas da juventude alemã e das suas cruzes a pontuar a dor e a saúde que elas representam para a *Alemanha* dilacerada e desiludida.

As mães alemãs, querem, agora, poupar os filhos que ainda lhes restam sob o seu olhar e a sua tutela dolorosa. Apoiam ruidosamente a sedição po-

1) — Também Hitler subornou Kaitel. Von Brauchitsch, recebera também somas avultadas, em especial uma avultadíssima, que Hitler lhe entregara para que pudesse casar-se pela segunda vez, depois de se separar da mulher e dos filhos — diz Lutz em *Rommel* — 2.ª Edição pág. 188.

pular e militar, e a sedição progride irresistivelmente, ameaçando os tiranos e a plutocracia da guerra.

Odeiam a *Krupp*, sorvedouro da mocidade: odeiam o imperador, que a entrega à *Krupp*. *Hamburgo e Kiel*, têm a sua heróica marinagem sublevada. O *Kaiser* escoa-se para o exílio de *Amorongen*, entaipado no seu castelo de expiação, na *Holanda*. O povo não o deplora — porque o odeia. Deixa-o seguir o seu destino inexorável, sem curiosidade e sem misericórdia. A guerra era um crime seu, e as mães alemãs não lho perdoavam: tinham os seus filhos enterrados em solo estrangeiro, sob o céu da França hostil, em covas sem nome, rasas, anónimas. Não lhe perdoavam a profanação dos seus corações de mães...

As mães não esquecem nem perdoam o calvário de anos intermináveis, apartadas dos seus entes mais queridos — os filhos.

Era a hora da expiação, o epílogo de uma existência política desastrosa e funesta, e a condenação do seu imperialismo descomedido e louco.

Guilherme II, todavia, foi menos cruel do que o seu sucessor — *Adolfo Hitler*.⁽¹⁾

E' certo.

Por isso, o último imperador da Alemanha acabou tranquilamente os seus dias assistido dos seus leais palatinos. Por isso, pode ainda ler, rangendo os dentes, as páginas ensanguentadas da sua política militar abstrusa e dementada. *Hitler* sumiu-se...

Mechlembourg, vive a revolução: toda a Alemanha a aceita e aplaude, ansiosa de pão e de paz, desesperada e carregada de luto.

1) — O Cabo da Boémia, como se lhe referia *Hindemburgo* e o marechal *Von Rundstedt*. Vide *Lutz Koch* na sua obra — *Rommel* — pág. 165. Demónio do século XX — segundo este autor — em *Rommel* — conclusão — pág. 227.

A *Breesen* chegaram ecos mal captados do movimento insurreccional que alcança as grandes cidades. Os prisioneiros pressentem a derrota alemã. Tudo parece de bom agoiro, um bom presságio, a anunciar a libertação.

António Bandeira⁽¹⁾ insinua aos oficiais a fuga para a Holanda. O seu nome anda de boca em boca. E' a sentinela voluntária e vigilante dos cativos de *Breesen* que lhe ficaram a querer muito — e que veneram hoje a memória do seu libertador, ou que intentara a libertação.

De um incomparável altruismo, este nobre português abriu fraternalmente os braços e franqueou o coração aos seus irmãos de Portugal.

Que admirável e surpreendente revelação cívica Foi sublime. E incomparável!

Sem dúvida que aquele homem infeliz, *destroçado por um fatal destino*, que não merecia, e o colheu numa curva muito arrebatada e traiçoeira, se ergueu muito acima da vulgaridade oficial, friamente indiferente à desgraça daqueles que sucumbiam, na Alemanha, — *esquecidos, despresados e abandonados*.

António Bandeira ficou, mesmo depois do implacável veredicto das *justiças portuguesas*, que o condenaram, um nome sempre lembrado por todos os que sofreram o duro exílio da Alemanha, e que não deixarão de exaltar esse nome venerável, enquanto tiverem consciência da vida e um sopro dela.

E' seu dever — um inalienável dever muito sagrado.

Curvemo-nos, piedosamente, diante do ataúde do desventurado ministro.

1) — Ministro de Portugal em Haia — Aconselha clandestinamente, não se sabe como, a fuga dos oficiais, e promete-lhes um acolhimento amigo naquela cidade holandesa. Cumpriu. Patrioticamente, excepcionando como um português de lei...

Deixamos a Alemanha em direcção à Holanda.
A sensação é de alívio.

Vamos voltar à usufruição da liberdade, ao mundo a que pertenciamos, o mundo das almas solidárias e irmãs.

Como se fixa e regista, no papel, esse estado emocional de gente, que *volta a ser gente, homens, «sui juris», livres*; que regressam à claridade da vida e do mundo, e despem a roupa do galeriano que arrojam, enraivados, aos pés do opressor?

E' de alegria, esse momento confuso e emocional, ou é, antes, um misto de coisas que se embrulham, onde também não falta uma estranha melancolia, que parece estancar e entorpecer a anunciada e próxima ressurreição?

A LIBERDADE

Transpor a cancela do cercado alemão, de olhos fechados, de memória fechada, já a correr...

Voltar as costas àquele país regelado e hostil; deixá-lo para trás, longe, cada vez mais longe; fugir do solo e do céu alemão; tapar os ouvidos para não ouvir mais a ressonância do idioma gutural e bárbaro da sua raça; desaparecer, não ver mais aquele arame farpado e as baionetas nuas das sentinelas que nos guardavam como *malfeitores*, — era a afrontada e suprema invocação que subia ao céu nas horas nervosas que antecediam a abalada.

Andar, andar sem olhar para trás; correr de de olhos bem cerrados...

Não se acreditava em tanta sorte! Ocultávamos a nossa alegria... com receio de a perder.

Teria a Providência ouvido os rogos confidenciais dos condenados ao Purgatório alemão, espalhados no mundo insociável e árido daquele país distante, onde somente alemães com alemães poderiam coabitar?

A Providência estava connosco. E muitas vezes — quantas vezes! — nos julgávamos abandonados dela! — de mal connosco!...

A notícia da liberdade era verdadeira.

Sem dúvida que *Deus*... existia, e estivera sempre com os exilados de *Breesen*, soldados de Portugal.

No dia 28 de Dezembro de 1918 partimos para a *Holanda*. Ainda dentro da *Alemanha* a viagem era triste e deprimente: era ainda o ar alemão que se respirava, sob um céu de chumbo, carregado de maus presságios.

Tudo desconfortável, ainda, naquele ambiente soturno e pesado da derrota militar alemã-naquele clima depressivo de inconformação das suas derrotadas armas e do seu povo decepcionado, reduzido a uma pobreza descarnada e crua, àquela falência a que o conduziu o delírio de um chefe arrogante e louco.

O território holandês era um mundo novo: a luz, o céu! Uma aleluia, o resgate, a liberdade! A alforria sagrada!...

Erguia-se, lá, uma radiosa aurora resplandecente de claridade festiva, de paz e felicidade. Tudo aliciante. Os funcionários do caminho de ferro, nas estações do percurso, saudavam os viajantes lusitânicos, os deportados daquele combóio, como se fossem seus irmãos de sangue restituídos à liberdade e arrancados à tirania germânica.

Eram, aqueles singulares viajantes, somente espectros, seres humanos desfigurados pelo sofrimento e pela humilhação de nove meses de exílio e de ostracismo.

Abençoada ressurreição! Bendita Holanda! Sacrossanta Liberdade!

Desarmados, andrajosos como vagabundos, sem personalidade nem categoria jurídica. Párias? Galeianos? Menos, muito menos: coisas... sem valor, fora do comércio...

Maldita Alemanha!

Pareciam velhos conhecidos, ou próximos parentes, os bons holandeses, com a sua pródiga hospitalidade. Que luminoso contraste! Que saudável euforia!

Era uma radiosa aurora!

As estações ferroviárias rebrilhavam profusamente, mostrando aos nossos olhos coisas esquecidas e civilizadas, que pareciam de sonho, de uma manufatura divina: *chocolate, leite e bolachas*, ali bem perto do país da fome e do frio, do degredo e da maldição.

Franquearam aos derreados *turistas* da fome o seu coração e a sua alma — *alegre, comunicativa e franca*.

Assim nos recebia por toda a parte, a gente livre da sublime e democrática Holanda.

Admirável povo!

A vizinhança germânica não contagiara, nem no de leve, o coração da pequena nação holandesa.

Já tarde, chegamos a *Enschede*.

Livres, pois... Era verdade... Livres, por *Deus*, e livres no país da liberdade — o que é ainda melhor fortuna.

Ficamos no edifício de uma escola de ensino primário.

Passámos lá uma noite. O material didático daquela escola, com as suas instalações modernas e irrepreensíveis, revelava já um nível social admirável.

A higiene perfeita, a higiene de toda a Holanda *asseada* de *Ramalho Ortigão*, que a referiu longamente com indescrivível probidade mental — que bem a merece, por tudo, aquele povo empreendedor, pacífico e laborioso.

Fascinam os nossos olhos, os interiores das residências de *Enschede*, que parecem pequenos templos vistos de fora: tudo brilha: *moveis e adornos*.

Tudo, assim, parece novo em folha, fulvo, refulgente e fresco, dentro daquelas casas banhadas de luz, cheias de paz e de amor.

Seguimos depois para *Haia*.

Ali, um encarregado da legação portuguesa,

recebeu com elegante urbanidade os seus compatriotas desembarcados.

Pertencia à escola cívica do seu ministro, o malogrado *António Bandeira*...

Metodicamente, distribuiu os oficiais pelos vários hotéis da *Haia*.

Hoteis ? Seria assim? Hoteis para retalhos humanos?

Eram hotéis! Louvado seja *Deus!*

Incrível ventura!

Assim, também, acreditámos melhor na recuperação liberdade, vendo-nos verdadeiramente restituídos à vida e regressados ao mundo, como ressuscitados. Era uma milagrosa ressurreição. Começamos a viver, a acreditar, enfim, na santa alforria concedida e outorgada pela vontade de *Deus*.

Os prisioneiros não pareciam militares, mas uma legião de condenados com todas as marcas desses desventurados seres humanos: *vestimentas desprezíveis, remendadas; a barba hirsuta, a catadura revoltada!* Os habitantes da *Haia* ficavam-se a contemplar estes destroços humanos, condoidamente, como bem se via. Parecia não acreditarem na maldade que fabricara aqueles destroços de homens deformados e irreconhecíveis.

António Bandeira atalhou a vergonha ominosa convocando os oficiais à legação portuguesa, a oferecer-lhes fundos e providências urgentes, que os escondessem aos olhos do estrangeiro boquiaberto e perplexo.

Culminaram, ali, a sua desventura suprema, que também lá acabou, sob o signo amigo do infeliz ministro, que não queria ver enxovalhada, e já agora por tão pouco, a honra nacional e a firma da grei.

Os oficiais ingleses prisioneiros chegados à *Holanda*, como nós, eram mais afortunados: esperava-os, naquele país, com antecipação, um depósito

de fardamentos com uniformes para oficiais e soldados.

No dia seguinte ao do seu regresso da *Alemanha*, os militares britânicos circulavam nas ruas da *Haia*, tão correctamente fardados, como se pisassem a *Downing Street* de Londres.

A *Inglaterra* não deu tempo a que o estrangeiro mirasse com desdém ou com misericórdia, os seus súbditos, horas antes tão desprezíveis como os seus parceiros de Portugal.

Que deprimente contraste!

Alguns *florins* escorridos da legação portuguesa para as mãos dos prisioneiros, permitiram-lhes a improvisação de uma indumentária adquirida lá, cobrindo assim a vergonha daquele estado de miséria, que já ficava menos hedionda. Disfarcei-me com uma gabardine e um boné de *oficial* holandês... Assim regresssei a Portugal...

Isto, e a minha revigorada e viçosa mocidade, já livre, tornavam-me verdadeiramente venturoso na *Holanda*, bela e hospitaleira. Parecia nascido lá, entre a sua gente boa...

Novo sangue borbilhava nas minhas veias, impetuoso e ardente. E perguntava, a mim mesmo, como era possível haver dois povos vizinhos—*Alemanha e Holanda*—com almas e corações tão diferentes,—tão opostos!

Os cativos, eram, agora, gente, por *Deus*. Até os de mais avançada idade, oficiais de maior patente, remoçavam, agora, ao sol benfazejo da liberdade.

Já cachimbavam nos cafés da *Haia*, a atirar largas e saborosas fumaças, e a mirar gulosamente rostos lindos do mundo cosmopolita que fervilhava na democrática urbe holandesa.

Algumas mulheres fumavam, sempre acasaladas, com escândalo para o meu incipiente mundanismo, que se retraía ainda sob a influência remota da minha iniciação eclesiástica inibitória...

Não me emancipara ainda daquela salutar iniciação e da sua influência perdurável.

Que senhoras seriam aquelas? — perguntava a minha ofendida curiosidade peninsular e provinciana, entalado nas portas giratórias dos cafés, guardavento da clientela elegante, que zumbia, lá, como um enxame de abelhas dentro do seu cortiço.

Olhava e fugia com a vista, muito especiosamente...

Certo holandês confessou-se admirador do nosso épico *Luís de Camões*. Referia passos do seu poema. *Que grande poeta os senhores tiveram!* — dizia ele. A revelação fazia-me orgulhoso da nossa terra e da nossa opulência lusfada.

Tendo feito escala — pouco saudosa — por *Cherburgo*, partimos dali para Lisboa.

O país vivia na efervescência revolucionária da chamada «*Monarquia do Porto*», que teve duração efêmera e sobressaltada.

Em Lisboa, o ambiente era denso. As pessoas arrumavam os seus negócios inadiáveis, e recolhiam a suas casas. Não havia, ainda, na população, a calma firme das horas de paz.

Voluntários da *República* patrulhavam as ruas. Um servidor do regime, saído da *Escola de Belém*, acolitado por dois guardas da *polícia de Segurança Pública* de espingarda em bandoleira e com *caras de caso, como convinha*, entrou no hotel onde eu me hospedara.⁽¹⁾ Ia, aquele voluntário, inchado e autoritário. Farejava *realistas* transviados. Naquele odioso varejo cívico, não deu por mim, ou pareceu-lhe

1) — Francfor de S.ta Justa.

mais curial e oportuno desconhecer-me. Era um homúnculo político, de monóculo encaixilhado na órbita arregaçada. Tinha a tentação de lhe perguntar, a expulsá-lo com tédio: *se não seria mais limpo e cívico, ter pisado bem — ou ter pisado muito melhor — a lama sagrada da Flandres, do que palmilhar as cinzas do rescaldo revolucionário apagado, quase frio, em busca de vítimas para se acreditar, com elas, no balanço final daquele episódio político — imperdoável e infeliz.*

Retirou dali a arrastar a mesma prosápia sem decoro, com os dois caudatários da ordem... política, a chefiá-los gloriosamente — e sem riscos...

Num café da Baixa, um grupo de revolucionários exaltados, precipitou-se dentro dele, a vociferar e a injuriar os vencidos... ausentes. Um alferes muito magro, seco e nervoso, arengou sobre uma cadeira à turba acompanhante, que o cercava e aclamava com voz rouca de tresnoitados. Citava-nos com os olhos raiados de sangue, a prescutar ostensivamente a nossa bossa política, que se lhe afigurava pouco expansiva, senão equivocada, ou hostil.

Inquietava-me a incidência do olhar transtornado e insolente do improvisado tribuno da plebe, e as suas cordovejas inchadas pelos esticões da eloquência desgovernada e estentórica.

Acalmou, momentaneamente. A assistência encolhia-se diante do tempestuoso orador. Um outro freguês, pouco seguro, disfarçava a sua saída ostensiva com gestos calculadamente distraídos, e alcançava a rua, a fugir aos rugidos daquela gente amotinada, que assim intentava... consolidar as instituições abanadas pelo temporal monárquico do Norte.

Que tempos! Que pobreza!... de tempos! Também aproveitei uma aberta daquele temporal, e saí com outros exilados da Alemanha — daquele lugar indesejável e turbulento.

Assim estava o País, depois da campanha de França!

A política nacional não encontrara ainda o seu rumo. As paixões reacendiam-se.

O ódio continuava a fermentar entre irmãos de Portugal...

E continua...